

## VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E TRADUÇÃO NO FILME MUSICAL “MY FAIR LADY”

Renata Cozzato Rodrigues<sup>1</sup>, Valéria Biondo<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Aluna do terceiro ano do curso de Letras – Tradutor – Bacharelado pela Universidade do Sagrado Coração;

<sup>2</sup>Orientadora do projeto, professora horista do Centro de Ciências Humanas da Universidade do Sagrado Coração

### RESUMO

Essa pesquisa tem como proposta a análise do filme musical “My Fair Lady”, de 1964. O que motivou o estudo é o fato de que o dialeto britânico *cockney* é o ponto principal da obra, o qual é utilizado pela personagem Eliza Doolittle. A partir de trechos selecionados em língua portuguesa e inglesa, adotamos a análise comparativa como metodologia, a fim de identificar os procedimentos técnicos da tradução, segundo Heloisa Gonçalves Barbosa (1990), os quais foram empregados durante o processo de legendagem. Também estamos buscando apontar a eficácia que a tradução tem para o público brasileiro, o qual está inserido numa realidade diferente. A pesquisa é justificada tendo em vista a importância de se estudar as variações dialetais, principalmente quando estas estão intrínsecas com o processo tradutório. Com as análises realizadas até o momento, percebemos que o tradutor empregou, em sua maioria, os procedimentos de omissão e adaptação, e ora obteve sucesso, ora falhou ao representar o dialeto.

**Palavras-chave:** My Fair Lady. Tradução. Variação linguística. Preconceito linguístico.

### INTRODUÇÃO

O filme musical “My Fair Lady” (1964), vencedor de 8 Prêmios Oscar pela Academia, consagrou-se como uma obra deslumbrante. Estrelada por Audrey Hepburn e Rex Harrison, – e baseada na peça teatral “Pigmalião” (1912), de George Bernard Shaw – a obra cinematográfica conta a história de Eliza Doolittle, uma humilde florista que tenta sobreviver vendendo suas mercadorias pelas ruas da Londres do século 20. Nesta antiga sociedade, a diferença entre as classes sociais era particularmente percebida através da fala das pessoas. Eliza, que possui o dialeto *cockney*, uma das variações mais populares da língua inglesa, leva ao desespero o professor de fonética, Henry Higgins, o qual aposta que pode transformar a florista em uma *lady*. Para isso, além das mudanças em seu comportamento, a moça deve se desprender de seu dialeto, a fim de adquirir um falar mais culto – aquele utilizado pela alta sociedade londrina.

De acordo com Susan Bassnett (2002), o tradutor é um viajante, isto é, alguém engajado na jornada que vai de uma língua à outra. Traduzir, função essa exercida pelo viajante, não é apenas uma transferência de textos de uma língua para outra, mas sim um processo de negociação entre textos e culturas, o qual é mediado pela figura do tradutor. Traduzir não envolve apenas competências gramaticais e o uso de um bom dicionário, mas também critérios extralinguísticos. Assim, a tradução do filme musical “My Fair Lady” implica na negociação cultural entre língua inglesa e língua portuguesa, e claro, na variação

dialetal presente. Uma vez que o dialeto *cockney* é peça fundamental no enredo, é imprescindível que o tradutor utilize de uma variação da língua portuguesa, a fim de evidenciar este aspecto para o telespectador. O tradutor, por sua vez, não só deve se preocupar com as particularidades do processo tradutório em si, mas também com as características dialetais, que refletem a cultura da sociedade londrina da época.

Conforme aponta Rodrigues (2013), os recentes trabalhos realizados pelos tradutores de filmes nos mostram que não é exigido por parte destes o conhecimento prévio acerca das variações dialetais e questões interculturais as quais permeiam o trabalho a ser realizado. Assim, estes acabam representando as variações da maneira que os convém. Ademais, as práticas tradutórias dos tradutores mostram certo monitoramento ou resistência em relação à evidência dos fatores dialetais presentes na obra cinematográfica. Tais apagamentos dos traços típicos presentes na fala de determinado grupo social resulta no apagamento de sua cultura e condição social. Os processos de legendagem não devem ser vistos como uma simples transposição entre códigos. Os tradutores precisam considerar as características sociolinguísticas e culturais que permeiam ambas as línguas a serem trabalhadas. Caso estas considerações não sejam feitas, as legendas irão apresentar visões preconceituosas – ou então distorcidas – sobre os grupos que são socialmente excluídos por conta de sua fala ou dialeto.

O tradutor não trabalha apenas no nível linguístico, mas também cultural, já que este faz uma mediação entre textos e culturas (BASSNETT, 2002). Uma vez que as variações dialetais existem e estão presentes – e são representadas – tanto no cinema como na literatura, o tradutor precisa conhecê-las e estar pronto pra lidar com suas características particulares, bem como representá-las, uma vez que elas podem ser uma característica fundamental para o material o qual está sendo traduzido. Assim, o projeto tem como objetivo analisar os procedimentos tradutórios, de acordo com Heloisa Gonçalves Barbosa (1990), empregados na tradução do filme musical “My Fair Lady”, em sua versão de 2009, lançado comercialmente no Brasil pela Paramount Pictures Brasil, bem como identificar a eficácia da tradução para o público brasileiro, o qual está inserido em uma realidade diferente.

## **METODOLOGIA**

Para o desenvolvimento deste estudo, estão sendo utilizadas bibliografias e produções pertinentes à obra. A partir das teorias sobre o processo tradutório de Lawrence Venuti (2002), Susan Bassnett (2002), André Lefevere (1992); teorias acerca dos procedimentos técnicos da tradução de Heloisa Gonçalves Barbosa (1990); teorias sobre processo de legendagem de Sabine Gorovitz (2006); teorias a respeito da linguística e variação dialetal de Ismael de Lima Coutinho (1974) e Marcos Bagno (2009); e por fim, teorias sobre o dialeto *cockney*, de Jamie Fowler (1984), as análises estão sendo realizadas. Como metodologia adotada no estudo, estamos utilizando da análise comparativa entre excertos na língua inglesa e língua portuguesa, presentes na legenda do filme musical “My Fair Lady”. O script do filme, o qual está sendo utilizado nas análises, foi coletado pela própria autora da pesquisa, a partir das legendas presentes na versão do filme a ser analisado. Ao comparar original e tradução, estamos apontando o procedimento técnico utilizado pelo tradutor, e pretendemos verificar a eficiência da tradução.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Esta pesquisa encontra-se em desenvolvimento e, portanto, não podemos apontar nenhum resultado concreto. Porém com as cinco análises realizadas até o momento, podemos notar que o tradutor empregou, em sua maioria, o procedimento de omissão, que segundo Barbosa (1990), consiste em omitir elementos do TLO que, do ponto de vista da LT, são desnecessários ou excessivamente repetitivos. Isso se dá pelo fato de que a tradução cinematográfica é um processo limitado para o tradutor, uma vez que este não pode ultrapassar certo número de caracteres, e deve buscar transmitir uma mensagem que seja clara e objetiva (GOROVITZ, 2006). Logo, na maioria das vezes, a omissão se faz necessária para o processo estar de acordo com as exigências da legendagem.

Com as análises, também notamos que, em alguns momentos do filme, foi possível trazer a variação dialetal para o telespectador, a fim de evidenciar este fato tão crucial para o enredo. Alguns elementos foram adaptados, pois, assim, o tradutor teria maior liberdade para trabalhar com a variação, e consequentemente evidenciá-la. Percebemos também que a marca dialetal aparece entre aspas na legenda, justamente para indicar a questão proposital envolvida. Entretanto houve momentos em que o tradutor fez uso da melhoria, que segundo Barbosa (1990), é o processo que consiste em não repetir na tradução os erros cometidos na TLO, sejam eles de natureza gramatical, ou então pertinentes à coesão e coerência. Por conta de seu dialeto, a personagem principal constantemente comete erros de natureza gramatical. Ao apagar estas marcas, o tradutor apaga toda a característica linguística e cultural envolvida. Ademais, o telespectador acaba recebendo outro sentido com a cena, justamente pela ausência do dialeto. Podemos notar estes aspectos na primeira análise realizada, em que a personagem Eliza conversa com o professor de fonética, Henry Higgins:

TLO	TLT
Eliza: I'm nothing to you. Not as much as <b>them</b> slippers. Higgins: <b>Those</b> slippers. Eliza: <b>Those</b> slippers.	Eliza: Sou menos que os chinelos para você. Higgins: Esses chinelos? Eliza: Esses chinelos!

Fonte: Elaborada pelo autor

Neste trecho, temos um diálogo entre Eliza Doolittle e Henry Higgins, em que a moça, apesar de já estar linguisticamente instruída no momento em que este ocorre no filme, acaba cometendo um “deslize”, uma vez que faz uso indevido dos pronomes. De acordo com o Longman Dictionary, “them”, o qual é usado para se referir a duas ou mais pessoas (ou objetos) que já foram previamente mencionados, é um pronome objeto, isto é, é o pronome “they” em sua forma de objeto. Já “those” é a forma plural do pronome demonstrativo “that”, que é utilizado para se referir a um objeto que se encontra longe do falante. Com isso, a frase formulada por Eliza exige o uso do pronome demonstrativo, e não do pronome objeto, pois de acordo com o contexto, Eliza deve demonstrar e identificar um objeto, no caso os chinelos, ao invés de substituir um nome próprio ou substantivo, já que é esta a função dos object pronouns. Logo, por conta do uso indevido, o professor Henry Higgins corrige a fala de Eliza, mostrando que a forma gramatical correta a ser utilizada é “those”; a moça, então, prontamente se corrige.

Ao notarmos a tradução realizada, percebemos que a ideia de “correção” por parte do professor de fonética não foi mantida pelo tradutor. Podemos considerar que este optou pela melhoria, o qual, segundo Barbosa (1990), é o procedimento que elimina erros gramaticais existentes no TLO. Logo, com a tradução, o espectador acaba obtendo um sentido de confirmação por parte de Higgins, pois ele parece estar tentando esclarecer sobre os chinelos a que Eliza se refere. A entonação usada contribui com esse sentido, já que no trecho traduzido foram utilizados acentos interrogativos e exclamativos, os quais indicam que algo está sendo indagado e confirmado. Ao compararmos, vemos que apenas o trecho traduzido possui esses acentos. Assim, ao invés de entender que Higgins corrige a fala de Eliza, o espectador acaba recebendo outro sentido com o diálogo, através da decisão do tradutor de não evidenciar a mudança gramatical cometida pela personagem por conta de suas “raízes dialetais”.

## CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Até o momento, podemos dizer que o tradutor ora obteve sucesso ao indicar a variação linguística presente, ora falhou neste aspecto. Nos momentos em que o tradutor optou pela melhoria, o telespectador foi poupado do aspecto dialetal presente na cena e, conseqüentemente, obteve outro sentido com a cena, o que pode prejudicar o entendimento da situação.

Independente dos aspectos positivos e negativos observados até o momento, entendemos que o procedimento tradutório para legendagem possui particularidades muito específicas, que inibem a criatividade e liberdade do tradutor, uma vez que este deve, muitas vezes, omitir elementos a fim de não quebrar as regras do procedimento.

## REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz.** 52ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

BARBOSA, Heloisa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta.** Campinas, SP: Pontes, 1990.

BASSNETT, Susan. **Translation Studies.** 3<sup>rd</sup> edition. London: Routledge, 2002.

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica.** Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FOWLER, Jamie. **Cockney Dialect and Slang.** 1984. Honors Theses. Ouachita Baptist University, Arkadelphia, Arkansas. Disponível em: <[http://scholarlycommons.obu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1192&context=honors\\_theses](http://scholarlycommons.obu.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1192&context=honors_theses)> Acesso em: 07 abr. 2018.

GOROVITZ, Sabine. **Os labirintos da tradução: a legendagem e a construção do imaginário.** Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006.

LEFEVERE, André. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame.** London: Routledge, 1992.

RODRIGUES, T. P.; SEVERO, C.G. **Variação em legendas de filme traduzidas: a representação da fala de personagens pertencentes a grupos socialmente desprestigiados.** Revista TradTerm, São Paulo, v.22, p. 303 – 326, 2013.

VENUTI, Lawrence. **Escândalos da Tradução: por uma ética da diferença.** Bauru: Edusc, 2002.